

Por um estudo do cotidiano do jornalista: em busca da desmitificação



Márcia Rodrigues da Costa

*Mestre em Comunicação Social pela
Universidade Metodista de São Paulo
E-mail: marciarcosta13@gmail.com*

Resumo: O artigo propõe o estudo do cotidiano do jornalista como forma de desmitificar a figura deste profissional. Para tanto, apresenta o conceito de mito, de Roland Barthes, e de cotidiano, por Agnes Heller e Michel de Certeau. Buscando enxergar o jornalista para além da visão dicotômica de herói ou vilão, propõe-se encontrar na sua prática cotidiana as marcas de uma busca autônoma para melhor informar, baseada em estratégias ou táticas para driblar poderes instituídos.

Palavras-chave: cotidiano, jornalista, micro-história, mito, imprensa.

Por un estudio del cotidiano del periodista: en búsqueda de la desmitificación

Resumen: El artículo propone el estudio del cotidiano del periodista como una manera de desmitificar la imagen de ese profesional. Así que presenta el concepto de mito, de Roland Barthes, y de cotidiano, de Agnes Heller y Michel de Certeau. Intentando ver el periodista hacia más allá de la dicotomía entre héroe o villano, propone encontrar en su práctica diaria las marcas de una búsqueda autónoma hacia mejor informar, basada en estrategias o tácticas para fintar los poderes establecidos.

Palabras clave: cotidiano, periodista, micro-historia, mito, prensa.

For a study of daily life of journalists: a search for demystification

Summary: The paper presents the study of everyday practice of the journalist as a way to demystify the image of this profession. Present the concept of myth, as Roland Barthes, and the daily life, of Agnes Heller and Michel de Certeau. It seeks to identify the journalists outside from the hero/bad guy dichotomy and proposes to find in their daily practice marks of an autonomous search for better reporting based on strategies or tactics of dribbling established forces.

Keywords: daily life, journalist, micro-history, myth, press.

Introdução

Agnes Heller descreveu a vida cotidiana como heterogênea e assinalou que a particularidade social convive com a particularidade individual. Assim, ao se aproximar do cotidiano do jornalista, o pesquisador tem a possibilidade de enxergar a complexidade que envolve essa prática profissional, desconstruindo os mitos criados em torno dela, conforme propõem os preceitos de Roland Barthes ao analisar os mitos.

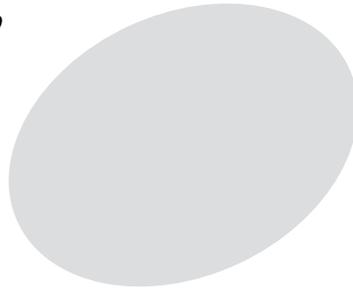
Ao levarmos em conta as particularidades que permeiam o cotidiano do jornalista e suas estruturas de ação, percebemos as possibilidades que ele tem de agir de forma táctica, de reinventar seu cotidiano e agir sobre ele, subvertendo-o, conforme preconiza Michel de Certeau.

O mito

A figura do jornalista foi, historicamente, construída de forma mitológica, por meio de representações sociais. O mito sustenta-se sobretudo por meio de imagens e textos, tal qual Roland Barthes o abordou, na obra *Mitologias* (1993), discutindo suas diversas

representações. “A imagem e o texto que mostram para ocultar, exibem para deixar menos claro e controlam o olhar do público”, afirma Nelson Traquina (2005:51), que mostra como o cinema busca fixar a imagem estereotipada do jornalista que se dedica de forma integral e extrema ao ofício, assim como o profissional que procura converter

O estudo do cotidiano do jornalista pode auxiliar na compreensão dos significados das construções das representações sociais



sua profissão em sinônimo de aventura. O autor recorreu a várias produções cinematográficas sobre o universo do jornalista para mostrar as principais formas de representação deste profissional.

A mitologia jornalística coloca os membros desta comunidade profissional no papel de servidores do público que procura saber o que aconteceu, no papel de “cães de guarda” que protegem os cidadãos contra os abusos do poder; no papel de “Quarto Poder” que vigia os outros poderes, atuando, doa a quem doer, no papel mesmo de heróis do sistema democrático (Ungaro, 1992), tão bem projetado; e, por diversas formas, no imaginário coletivo, no espaço público democrático e, sobretudo, em diversos filmes em que a magia do cinema oferece uma constelação de símbolos e representações da mitologia jornalística.

Além do cinema, diversas representações midiáticas e culturais ajudaram a construir e reforçar outros mitos da objetividade jornalística, como a imparcialidade e a verdade do seu discurso. Transformado em mito, o jornalista é colocado em um patamar acima dos homens comuns. Não se trata aqui de es-

gotar o leque de representações criadas em torno da figura do jornalista, mas de discutir a desconstrução desses mitos criados sobre o profissional de forma naturalizada.

Ao realizar uma análise estrutural do cotidiano visto pela mídia, Barthes expõe a ilusão da naturalidade do mito. “Apresentado como discurso qualquer, como simples representação da realidade, o mito encerra significados muito mais profundos para a compreensão social”, afirma Luiz Sá Martino (2005:53). Por trás de práticas nada ingênuas, Barthes mostra as estruturas de ação, carregadas de interesse, e desmascara os mitos. Remetendo à França, afirma que “as normas burguesas são vividas como leis evidentes de uma ordem natural: quanto mais a classe burguesa propaga as suas representações, tanto mais elas se naturalizam” (1993:161).

O estruturalista francês conceitua o mito como uma fala, um sistema de comunicação, uma mensagem, ou seja, o mito se serve da linguagem para construir seu próprio sistema. Ele é também um sistema duplo, carregado de ubiquidade, e tem como ponto de partida o ponto terminal de um sentido. “O mito é um sistema ideográfico puro onde as formas são ainda motivadas pelo conceito que representam, sem no entanto cobrirem a totalidade representativa desse conceito” (1993:148). Ele não esconde, deforma, fala das coisas purificando-as, inocentando-as, naturalizando-as e eternizando-as; não explica, constata, abolindo a complexidade dos atos humanos.

O mito tem caráter político e despolitiza. Sua intenção é transformar uma intenção histórica em natureza, suprimir a dialética, organizar um mundo sem contradições e sem profundidade, onde “as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias” (1993:164). “É por isso que o mito é vivido como uma fala inocente: não que suas intenções estejam escondidas: se o estivessem, não poderiam ser eficazes, mas porque elas são naturalizadas” (1993:152), afirma o autor.

Assim, a cada instante e seja onde for, o homem é bloqueado pelos mitos; estes

reenviam-no ao protótipo imóvel que vive por ele, no seu lugar, que o sufoca como imenso parasita interno e determina os limites estreitos da sua atividade, onde lhe é permitido sofrer sem modificar o mundo; a pseudophysis burguesa proíbe radicalmente ao homem de inventar-se. Os mitos não são nada mais do que essa solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível que obriga os homens a se reconhecerem nessa imagem de si próprios, eterna e no entanto datada, que um dia se constrói como se fora para todo o sempre. Pois a Natureza, na qual foram enclausurados, sob o pretexto de uma eternização, não é mais do que um Uso. E esse Uso, por maior que seja, é preciso dominá-lo e transformá-lo” (1993:175).

A função do mito é transformar um sentido em forma. Em contraposição a uma representação mitológica, que impede de se perceber as contradições e complexidades em torno do universo do jornalista, a micro-história propõe que se desbanalize o cotidiano para identificá-lo enquanto território, lugar: espaço e tempo construídos. Ele é convertido em espaço rico de significados e ações, onde convergem o político, o econômico, todo campo de produção simbólica humana, enxergando o cotidiano na dinâmica das transformações culturais.

A reflexão sobre o cotidiano implica trabalhar em escala reduzida, possibilitando aprofundar a análise das fontes, gerar pluralidade de respostas, ampliar o leque de possibilidades e reduzir o horizonte de certezas. Neste jogo de escalas em que se relaciona o micro e o macro, onde o particular e o geral se influenciam dentro da dinâmica social e cultural, busca-se o conhecimento empírico, o dissecamento da vida cotidiana.

Na análise dos papéis do jornalista, o estudo do cotidiano pode auxiliar na compreensão dos significados das construções das representações sociais, permitindo uma aproximação dos contextos e possibilitando entender que o cotidiano deste profissional é muito mais controverso do que supõe a representação mitológica – ele é dinâmico,

tal qual a história, e, conforme a transformação cultural, é moldado por novos hábitos, práticas e relações sociais, influenciando o próprio fazer jornalístico, que se transforma, influenciado pelo âmbito da cultura, da economia e da política.

● O cotidiano

O conceito de cotidiano é multiplural, rico, fragmentado, ambivalente e fugidio. Possui um aspecto híbrido que conforma a atividade, na medida em que ela é resultado dos aspectos genéricos e particulares do indivíduo. O cotidiano é a percepção do comum, lugar do contraditório, do relativo e do confuso; a partir dos códigos que adotamos na vida, é território dinâmico, multiforme, conforme Deusdedith Junior (2003).

No cotidiano se exercem diariamente os atos fundadores da identidade e da diferença, por meio de negociações, propostas, submissões. A individualidade vai assim sendo forjada a partir do ‘ser genérico’ e do ‘ser particular’; do ‘público’ e do ‘privado’, na construção da nossa história, uma história de todos, afirma Deusdedith, recorrendo a Agnes Heller (2000).

Diversos historiadores da cultura, a exemplo de Heller e Michel de Certeau, abordaram o cotidiano. A historiadora descreveu a vida cotidiana como heterogênea, principalmente no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância dos tipos de atividades desenvolvidas pelo homem. “São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”, escreveu Heller (2000:18).

Para Agnes Heller, “a vida cotidiana é a vida de todo homem”, que vive tanto a sua atividade humano-genérica quanto a sua cotidianidade. Absorvido pela cotidianidade, o homem dela participa com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade, colocando ali seus sentidos, sentimentos, paixões, ideias, ideologias. Conforme a autora, ainda

que o homem da cotidianidade seja atuante, ‘fruidor’, ativo e receptivo, ele não tem tempo e possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos, o que o impede de aguçá-los em toda a sua intensidade.

“A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (2000:20), escreveu Heller. Para a autora,

A particularidade social é caracterizada pela unicidade e pela irrepetibilidade, que se complexificam ao se fundirem com a assimilação da realidade social dada e, ao mesmo tempo, das capacidades dadas de manipulação das coisas; a assimilação contém em cada caso (inclusive no do homem mais primitivo) algo de momento “irreduzível”, “único”. No Eu nascem as paixões e afetos e a dinâmica base das particularidades individual e humana é a satisfação dessas necessidades do “Eu”.

A particularidade social convive com a particularidade individual: “Todo conhecimento do mundo e toda pergunta acerca do mundo são motivados diretamente por esse “Eu” único, por suas necessidades e paixões; é uma questão de particularidade individual, a exemplo da clássica pergunta “Por que vivo” (2000:20-21).

A autora também conceitua o ser individual e o ser genérico, que, da mesma forma, nem sempre convivem de forma harmoniosa. Segundo Heller, o genérico está contido em todo homem e em toda atividade de caráter genérico, ainda que os motivos sejam particulares. Enquanto o trabalho tem motivações particulares, a atividade do trabalho efetivo ou socialmente necessário é sempre uma atividade do gênero humano, explica. Heller também considera como humano-genéricos sentimentos e paixões, cuja existência e conteúdo ajudam a expressar e transmitir a substância humana. O particular não costuma ser o sentimento nem a paixão, mas o modo de manifestar-se, referido ao eu, ao individual (2000:21).

O homem é ser genérico porque é produto e expressão de suas relações sociais, herda

e preserva o desenvolvimento humano. “O representante do humano-genérico não é um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações –. cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós” (2000:21).

Apesar de já nascer inserido na sua cotidianidade, para tornar-se adulto nela, o homem precisa assimilar de forma imediata as formas de intercâmbio ou comunicação social, que se iniciam por grupos como a escola, a família ou pequenas comunidades. Esses grupos face-to-faces estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores, explica Heller.

A vida cotidiana está no centro do acontecimento histórico. “Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. A assimilação da cotidianidade de uma época inclui a assimilação também do passado da humanidade” (2000:20).

Embora o cotidiano seja hierarquizado, essa hierarquia não é eterna e imutável (ela se modifica conforme as diferentes estruturas econômico-sociais). A assimilação das relações sociais é idêntica à manipulação das coisas e também contém o domínio espontâneo das leis da natureza, escreve a autora (2000:19).

O cotidiano como espaço de subversão

A representação mitológica não levaria em conta a particularidade social e a particularidade individual, tornando a prática do jornalista sempre uma ação padronizada, previsível, estanque. No entanto, tanto Heller quanto Certeau expõe a possibilidade de o cotidiano ser reinventado, enquanto espaço de negociação. Afinal, os sujeitos se apropriam e representam as práticas culturais de formas diversas, dadas as maneiras de fazer, apropriações do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural. Cada

sujeito é capaz de fazer escolhas individuais que são produto de relações sociais.

Apesar da normalidade da sociedade, ela contém hierarquias que não são nem imutáveis nem eternas, não paralisam a ação dos indivíduos, que dispõem de certa liberdade e escolha. Heller aponta que os preceitos morais aumentam ou diminuem a ação do homem na cotidianidade: “Quanto mais intensa é a motivação do homem pela moral, isto é, pelo humano-genérico, tanto mais facilmente sua particularidade se eleva” (2000:24).

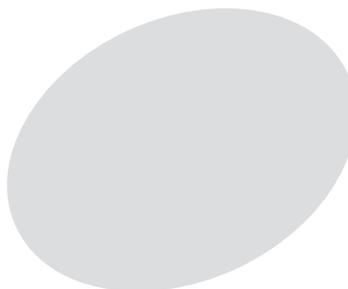
Além das ações silenciosas explícitas em pequenos jogos de astúcia para superar as adversidades diárias que garantam a sobrevivência do indivíduo, a vida cotidiana vivencia também grandes rupturas e movimentos do tecido social, que promovem transformações profundas na sociedade, conforme escreve Josiane Thethê Andrade. Heller aponta que a busca pela transformação da vida é acionada por quem tem necessidades radicais, que ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana.

O hibridismo cultural comprova que há negociações com a diferença dos outros. Conforme lembra Josiane Thethê Andrade, “a cultura é permeada de representações, apropriações, simbologias, variando de acordo com experiências e vivências dos diferentes sujeitos históricos, lugares, espaços, relações econômicas, políticas e sociais”.

O cotidiano e a micro-história

O cotidiano é lógico (no sentido de que organiza a realidade) e mítico. Entender as estruturas econômicas e políticas não é o suficiente para entender a sua complexidade, por isso a vida privada e o cotidiano passam a ser lugar de explicações da História. Na contemporaneidade, a primazia do poder estaria no âmbito do simbólico, da cultural, não só do econômico. A historiografia busca atender a uma nova perspectiva cultural, e ela representa melhor o social por meio do cotidiano, onde tudo contribui para dar conta da complexidade da existência.

A micro-história possibilita explorar a riqueza das relações sociais para tentar enxergar microrresistências. Ela nos apresenta o cotidiano como espaço de transgressão, como portadora de novos objetos, nova fontes e da interdisciplinaridade, ao contrário da História Tradicional, que voltou-se para as grandes narrativas e fontes oficiais. Na micro-história, indivíduos comuns tornam-se foco da pesquisa, como o trabalhador, as mulheres, negros, os gêneros.



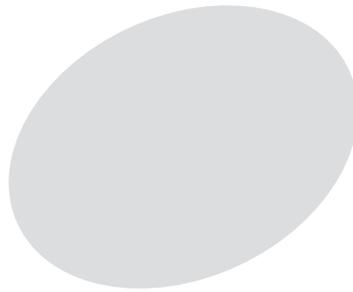
Absorvido pela cotidianidade, o homem dela participa colocando ali seus sentidos, sentimentos, paixões, ideias, ideologias

Quando se desce às minúcias no intuito de se compreender as complexidades das práticas sociais, busca-se uma saída em uma vida regrada e regulada pela sociedade burguesa. Assim, os estudos do cotidiano inauguram um novo olhar sobre as micronarrativas, em detrimento das grandes narrativas, cujo declínio ocorreu por conta de uma visão simples, totalizante da sociedade. Aqui se propõe olhar o cotidiano do jornalista no seu duplo aspecto de trabalhador/intelectual a serviço de uma determinada instituição tradicional burguesa, como o jornal, o rádio e a televisão.

O conceito de circularidade cultural de Carlo Ginzburg (1987:16-17), que questiona a subordinação entre culturas, nos auxilia a compreender as tensões entre o jornalista enquanto trabalhador nas relações de (in) subordinação com a direção do jornal. No movimento de circularidade, as culturas se influenciam mutuamente de acordo com valores próprios de cada classe social.

Embora determinante e normatizador, o cotidiano é permeado por conflitos sociais, por isso é necessário levar em conta a liberdade criativa e individual que permite ao jornalista sair deste território inscrito na repetição, na rotina. Afinal, como escreveu Certeau, não se pode negar o caráter epistemológico da vida cotidiana e as múltiplas possibilidades de os seus agentes produzirem intervenções e mudanças inusitadas.

O fazer jornalístico é espaço de tensões e negociações possíveis em uma atividade permeada pela sua natureza público/privada



Aos mecanismos do Vigiar e Punir administrados pelos aparelhos de poder e amplamente estudados por Michel Foucault, Certeau propõe a seguinte reflexão:

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa da rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (como também ‘minúsculos’ e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados?’), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica (1994:41)

Por um estudo do cotidiano do jornalista

Como discutiu-se aqui, as premissas de Heller e de Certeau permitem pensar o cotidiano do jornalismo para além da mitologia criada em torno de sua figura construída com base no senso comum. Um estudo

do cotidiano implica um olhar sobre vários saberes e disciplinas, de maneira a se compreender sua riqueza e complexidade. Do contrário, só veremos rotinas e automatismos humanos.

Assim, o cotidiano do jornalismo é pensado aqui para além dos aspectos de continuidade e determinações constantes, mas também de suas tensões, inovações e mudanças, tal qual a cultura, que não se define como mero reflexo das mudanças econômicas, políticas e sociais, mas algo ativo, que constitui o social, uma força produtiva (Williams, 1969).

Sabe-se que o jornalista vive um cotidiano determinante, pontuado pelos modos de produção, que demarcam as rotinas profissionais. “(...) os modos de organização e funcionamento do jornalismo impõem um ritmo de trabalho baseado ou decorrente de três fatores - espaço, tempo e fontes - que, em última instância, determinam a própria agenda do fazer jornalístico, afirma Sérgio Luiz Gadini (2004:53), recorrendo a Gaye Tuchman. Assim, o jornalista vive seu cotidiano de trabalho marcado por determinações as mais diversas, como a restrição ao tempo, ao espaço, a determinadas pautas, fontes e enfoques noticiosos, o que por vezes ameaça a autonomia do profissional.

O jornalismo desempenha seu papel dentro da regularidade da vida cotidiana, inserido no senso comum, na doxa, em contraposição ao paradoxo. Mas o fazer jornalístico, embora condicionado pela força determinante da instituição que representa, é também espaço de tensões, negociações e brechas possíveis em uma atividade permeada pela sua própria natureza contraditória (público/privada).

Como todo indivíduo, o jornalista participa do cotidiano com seu aspecto humano-genérico, e é do resultado das suas relações sociais e das suas particularidades individuais que exerce sua função. Ao mesmo tempo em que necessita seguir determinadas regras da instituição para a qual trabalha, as quais

costumam limitar sua autonomia, o jornalista tem na essência do seu ofício o compromisso de produzir informação que atenda ao interesse público. É a chamada autonomia relativa, bastante comentada na obra de Pierre Bourdieu.

Raymond Williams empreendeu grande colaboração para essa discussão no âmbito da cultura. Segundo ele, “‘sociedade’ ou ‘o evento histórico’ não pode nunca ser categoricamente abstraído dos ‘indivíduos’ e das ‘vontades individuais’”, o que, conforme ele, implicaria em categorizar a sociedade como “alienada, objetivista, funcionando ‘inconscientemente’ e à compreensão dos indivíduos como ‘pré-sociais’ ou mesmo antissociais” (1979:91).

Assim como a prática profissional do jornalista está circunscrita ao âmbito determinista das forças econômicas e políticas (infraestrutura), ela também se inscreve na lógica da superestrutura, aqui entendida como o terreno da discussão das ideias, e configura-se também como espaço da defesa da cidadania e do direito à informação dos leitores. É a partir da dialética marxista que autores como Raymond Williams vêm a dinâmica da cultura, em contraposição a uma visão exclusivamente econômica sobre a cultura.

Nesse sentido, uma pesquisa empírica sobre o cotidiano dos jornalistas lançaria luz sobre questões como: até que ponto o jornalista, enquanto trabalhador que se submete/aliena às regras de uma instituição, consegue subverter rotinas, práticas e ações determinantes de um poder? Como a sua ação se insere no nível macro (instituição) e micro (dispositivos e técnicas de poder), proposta da micro-história? Ou seja, quais seriam as suas “maneiras de fazer” suas astúcias que imporiam uma rede de antidisciplina, nas palavras de Certeau?

Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. Elas colocam

questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância” (1994:43).

Para além de desmitificar os mitos da objetividade, verdade, heroísmo, da dedicação exclusiva ao ofício do jornalismo, é preciso, conforme os preceitos de Williams, desmitificar também a figura deste profissional como passivo, alienado, entendendo a atividade como um campo complexo de tensões. Como afirma Josiane Thethê Andrade, “é na vida de todo dia que os sujeitos constroem suas histórias” (Andrade).

Os processos comunicacionais são ligados ao cotidiano e à forma como a mensagem é emitida. Portanto, a compreensão do cotidiano enquanto espaço estruturante da percepção do mundo e visto como construção simbólica auxilia na compreensão dos processos comunicacionais.

Na compreensão do funcionamento dos meios de comunicação, Luis Mauro Sá Martino sugere abolir o senso comum da pesquisa acadêmica, quase sempre voltada a criticar a ação dos comunicadores. Martino sugere “uma visão crítica na medida necessária para ver na compreensão do mundo e do senso comum uma maneira de transformar a realidade” (2005:22). Esse tipo de abordagem permite enxergar o jornalista para além da visão dicotômica de herói ou vilão, e encontrar na sua prática cotidiana marcas de uma busca autônoma para melhor informar, baseada em estratégias e táticas para driblar poderes instituídos.

Algumas conclusões

Sendo o jornalismo uma atividade social que dialoga com seus respectivos contextos culturais e técnicos de produção e consumo, os estudos cotidianos podem trazer luz para a compreensão das rotinas do jornalista, entendendo-os também como sujeitos históricos em seu dia a dia, subvertendo poderes, apropriando-se dele de maneira particular, apresentando a pluralidade de protagonistas que compõe o cotidiano.

O casamento entre o empírico e o teórico, o emprego da transdisciplinariedade e a consideração de uma amostra significativa e representativa de indivíduos dentro de um universo de pesquisa é um caminho para se estudar o cotidiano do jornalista. Uma pesquisa dessa natureza ajudaria a compreender como a atividade profissional (marcada pelo genérico, pelo social) se articula com suas particularidades, revelando suas atitudes, crenças, sentimentos, motivações, expectativas. Auxiliaria, além da compreensão das atitudes e formas de ação do jornalista, na compreensão das mediações realizadas pelo jornalismo.

Pensar a mídia inclui, portanto, articular dois universos: o lugar institucionalizador (formado por regras e códigos pré-instituídos do jornal) e lugar onde se inscrevem os desvios da norma, proporcionalmente menor e que se consolida na forma de pequenos expedientes, na busca de rompimento com padrões, na procura de métodos alternativos que permitem escapar aos esquemas rígidos do cotidiano e possibilitam formas de sobrevivência e de subversão.

Certeau, ao focar-se no poder da subversão, interessa-se pelo fato de o poder como regulador não chegar a todas as instâncias do cotidiano. É preciso descobrir onde e como, no cotidiano do jornalista, se apresentam essas formas de subversão. É possível que tais estratégias não transformem radicalmente o cotidiano, mas operem sobre ele tensões constantes que possam alterar, ainda que a longo prazo, o próprio fazer jornalístico.

Graça Caldas (2005:89), para quem o jornalista é um historiador do presente, crê na possibilidade deste profissional subverter certas determinações institucionais a partir da sua postura como intelectual. “A principal arma de um profissional da mídia é entender as regras do jogo, mas nunca sucumbir a elas. O questionamento permanente, a reflexão é essencial” (2005:98-101).

Sabe-se que a imprensa não acolhe somente uma produção jornalística que se resume à reprodução de padrões hegemônicos. Ela assume uma função social de canal de expressão pública que não deve ser concebida como campo de unidade ideológica. Por isso, mesmo no contexto de homogeneização da atividade, é preciso ver o cotidiano jornalístico, tal qual sugere Michel de Certeau (1994), inserido em uma dinâmica de transformações, como espaço de criação, onde os “homens ordinários” são capazes de desenvolver microrresistências que geram microliberdades, manipulando seu dia a dia. Nessas brechas o jornalista pode assumir um papel de expressão significativa na sociedade, ainda que circunscrita a um microcampo.

Apesar da ação determinante do cotidiano, é possível enxergar na imprensa exemplos de atuação intelectual do jornalista, ingrediente emancipador da cidadania que se impõe como força contra-hegemônica do poder institucionalizador do jornal, conforme sugere Victor Gentilli (2005). A atuação dos jornalistas não se vincula apenas ao compromisso com a lógica econômica do jornal ou com o imperativo da notícia, mas à busca por colocar o seu conhecimento, a sua intelectualidade, a serviço dos leitores.

A liberdade e a autonomia do indivíduo relacionam-se o tempo todo com o exercício da profissão. Uma certa autonomia jornalística é necessária até mesmo para a própria sobrevivência da mídia, que não vive sem autores capazes de informar e interpretar. Afinal, para se aproximar do mercado é preciso negá-lo e negar as suas regras. Exemplo disso é o jornalismo cultural que, mesmo diante de

uma crise de mercado que assola os jornais, sobrevive ao realizar associação com o valor simbólico, o que abre um grande espaço para o jornalismo de qualidade e para valores que se deseja enaltecer. O jornal não pode abrir mão de seus colaboradores com suas críticas ao sistema, e a obra de Pierre Bordieu é um caminho possível para se construir uma metodologia de análise sobre o tema.

O jornalista exercita o poder contra-hegemônico em uma luta diária e constante, que revela o próprio círculo vicioso do seu cotidiano. Afinal, quando este profissional penetra em um determinado discurso alternativo que busca romper com o cotidiano, o jornal, enquanto organização e instituição representante do poder burguês, apropria-se desse discurso e o incorpora. Em outro momento, carimba esse discurso como do “outro”. Por isso, para autores como Luis Mauro Sá Martino, no cotidiano “todo e qualquer deslocamento é considerado um distúrbio, muitas vezes fascinante, mas apenas um distúrbio” (2005:20),

já que sua ação é pontual, atinge determinado grupo ou comunidade, mas não chega a transformar a estrutura social.

No entanto, somente uma pesquisa empírica traria respostas para questões como: ainda que o apelo ao genérico (ao fato) vá ao encontro do cotidiano, é possível identificar massas de acontecimentos registrados pelo jornalista que saem do padrão do noticiário comum? De que forma se articulam as particularidades do jornalista, o imaginário (conjunto de relações de imagens que conformam o cotidiano do homem) e de que forma elas atravessam o âmbito genérico do seu cotidiano?

A teoria não dá conta de revelar as minúcias que estão por trás das ações cotidianas do jornalista e que desmitificam a profissão. Tais ações podem revelar as muitas formas de resistências possíveis, bem como seus impactos nos mais diversos níveis dos campos sociais. A essas questões somente um mergulho no estudo do cotidiano seria capaz de responder.

(artigo recebido mar.2012/ aprovado out.2012)

Referências

- ANDRADE, Josiane Thethê. “Reflexões historiográficas acerca do cotidiano”. Universidade do Estado da Bahia, 2011. Disponível em www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/.../josiane_the_the_andrade.pdf. Acesso em 20/03/2012.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- CALDAS, Maria das Graças Conde. “Ética e cidadania na formação do jornalista”. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, n. 44, 2005, p. 85-101.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEUSDEDITH, Junior. “O território do cotidiano”. Universidade de Brasília, 2003. Disponível em: <http://pt.scribd.com/freireraphael/d/34860378-Territorio-Do-Cotidiano-Deusdedith-Junior-UnB>. Acesso em 20/03/2012.
- GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.
- GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- GINZBURG, CARLO. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação: troca cultural**. São Paulo: Paulus, 2005.
- TRAQUINAS, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1750-1950**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1969.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

